



Maria do Rosário da Conceição Carvalho (Rosário Loló)

ENTREVISTA E007 — EX-MANDADORA E CANTADEIRA DO REISADO

Entrevistado(a): Maria do Rosário da Conceição Carvalho, conhecida como Rosário Loló.

Função no Reisado: Cantadeira, ex-mandadora de boi e participante ligada ao pagamento de promessas.

Idade: 71 anos.

Comunidade/localidade: Pau Pombos, Boa Hora – PI.

Data da entrevista: 18/04/2026

Local da entrevista: Residência da entrevistada, comunidade Pau Pombos.

Entrevistador: Lenildo Martins Lustosa Pereira.

Forma de registro: áudio e vídeo.

Duração: 53 minutos

Situação da transcrição: transcrição bruta

Observação breve: A fala aborda a trajetória de Rosário Loló no Reisado, destacando sua aprendizagem familiar, sua atuação como cantadeira e mandadora, as promessas, a peregrinação, as cantigas e as mudanças percebidas na tradição ao longo do tempo.

TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA:

Lenildo - Nós estamos aqui com a professora Rosário, que é uma das grandes pessoas que trabalham com reisado, já foi mandadora, já deve ter tirado promessa, e é filha de um dos grandes tiradores de promessa aqui da comunidade Pau Pombos. A gente está fazendo essa entrevista para um trabalho acadêmico, um trabalho de mestrado da Universidade Estadual do Piauí, e a gente vai começar aqui pedindo para a dona Rosário se apresentar, dizendo quem ela é, o que ela faz e a sua relação inicialmente com o reisado.

Rosário - Bom dia, meu amigo, professor Lenildo. Bom dia, minha comunidade Pau Pombos, onde é minha residência. Sim, Lenildo, meu nome se chama Maria do Rosário da Conceição Carvalho, tenho 71 anos, trabalhei, comecei a minha carreira de professora, trabalhei muitos anos, quero também agradecer a sua mãe, que é uma companheira minha de trabalho, hoje eu não deixei essa profissão, mas caminhamos juntos, e quero dar o meu bom dia a quem está me ouvindo, me escutando, a sua presença na minha residência. Comecei de pequena, junto com minha bisavó, cantando, respondendo nas portas de São Gonçalo. Sempre vem essa cultura de muitos anos, não vamos deixar isso acabar, vamos crescer. Depois que foi mais o meu saudoso pai, Jé Loló, começou careta, foi dançar de burrinha, foi mandador de boi, e me deixou uma herança junto com o meu saudoso, Agustinho Loló, como é conhecido a nossa família. Ele me ensinou, eu cheguei, comecei a trabalhar de reisado, a 79, eu fui cantar no município de Capitão de Campo, a minha tia Paixão, irmã da minha saudosa mãe. Quando cheguei lá, o mandador não chegou, meu saudoso pai disse, minha filha, nós podemos trabalhar nesse reisado, faz ter um pouquinho que a gente tem que se concentrar,



tudo que a gente faz é concentrado, professor. Eu entrei para trás e pedi a Deus, que é o primeiro que a gente deve pedir, que a Deus força para a gente fazer aquele trabalho. Nós ensaiamos boi, lá em Lagoinha, a primeira comunidade que nós fomos foi no Cancão, município de Capitão de Campo. Quando o mandador de boi chegou, era quatro horas, ela despachou. De lá para cá, de 79, eu vim mandando, mandando boi, mandando boi, mandando boi, é muito longa essa data. Como eu não achei uma concorrência dentro da minha cidade, eu pensei de parar. Eu fui campeão, o nosso amigo falou para mim, disse, ô dona Rosária, eu perdi para a senhora. Eu digo, não tem problema não, isso é de carreira, porque quando a gente vai entrar em um trabalho, a gente tem a concentração da gente, para poder mostrar para o mundo, para o povo, que hoje você faz aqui, mas todo mundo vai ouvir. E aí eu não achei uma concorrência, eu fui indo, fui indo, graças a Deus, meu saudoso esposo, uma pessoa que sempre me ajudou, meus filhos me ajudaram também, andavam comigo, e naquele tempo a gente andava de pé. Já hoje não, a gente anda de carro, o povo não quer mais saber de pisar no chão, de pegar um... Eu trabalhei uma vez na casa do senhor Pedro Felli, lá foi dentro de uma lama, mas nem por isso eu não me atrapalhou o meu trabalho. Aí eles me perguntavam, você bebe? Eu digo, não, água. Sempre eu fiz o meu trabalho, esse tempo todinho, essa jornada, eu não bebia álcool e nem bebo álcool. Porque você vai fazer um serviço, você vai fazer um serviço para o povo lhe prestigiar. Não você fazer um trabalho que chega, o povo fica: "Ave Maria, você não sabe fazer". Não! quando eu vou fazer meu trabalho é porque eu sei, eu me garanto, e aí eu não achei uma concorrência de fazer, de outra mulher entrar comigo, aí eu parei, parei também que já estava na minha idade, ficando mais velha, mas sempre aquela idade, não por isso a gente para. Aí eu ingressei em outro trabalho, e esse aqui veio me dando força, você acredita? Tenho toda a satisfação. Mas trabalhei, cantei em Porta de Reisado, é só um trabalho que eu nunca fiz para medir o quarteirão da cachaça para os trabalhadores, mas se fosse preciso, eu fazia.

Lenildo – Dona Rosário, você nasceu aqui nos Pau Pombos?

Rosário - Nasci, nasci no dia 27 de maio de 54.

Lenildo – Esse Pau Pombo, algumas pessoas falam que ele tem o nome de liberdade aqui, teve um tempo que teve o nome de liberdade, você sabe porque teve esse nome, mudou para Pau Pombo?

Rosário - Primeiramente, a liberdade, é porque tem a greba da liberdade. No Porto da Lagoa Seca, eu não sei se já mudaram, mas se chegasse lá procurando Pau Pombo, antigamente ninguém conhecia. Liberdade é uma coisa da libertação, para mim liberdade era um nome muito bonito, mas aí tem a greba do Pau Pombo. Eu tenho um pedacinho de terra já em nosso nome, porque a gente teve que tirar como Pau Pombo, mas tem a liberdade e Pau Pombo, são dois nomes, mas o mais procurado é Pau Pombo, e vai ficar Pau Pombo.

Lenildo – Você já falou aqui que seu primeiro contato com o Reisado foi em Captão de Campos, ainda muito cedo, era com sua bisavó, foram essas pessoas que foram importantes na sua vida para lhe trazer para dentro do Reisado? Sua bisavó, seu pai, sua bisavó era o quê? Ela fazia o quê no Reisado?





Rosário – A minha bisavó era filha da minha tia que foi pagar uma promessa em 79, lá no município de Captão de Campos, só que lá eles não entendiam de Reisado, levaram nós daqui porque nós éramos quem entendiam de Reisado, mas até chegar nós matar o boi nós não sabíamos porque era o primeiro ano, nós era a primeira carreira, sabe quem nós levamos para matar o boi? O saudoso Valdir, o papai mandou chamar ele, depois matou o boi, quando terminou a comedoria, aí a gente veio embora.

Lenildo – O Valdir que morava no Mato Seco?

Rosário – Lá no Mato Seco, como você conhece. Aí eu falei para ele, papai, nós vamos aprender, se o Valdir matou, agora nós vamos aprender. Pagamos a promessa do papai, pagamos a promessa da minha saudosa irmã que perdi também, a Eva, que foi no período que eu ganhei de campeão, pagamos, três anos eu mais o Adão, que é gêmeo com ela, aí o papai fez a promessa, como ele estava velhinho, aí nós tomamos de conta, pagamos, trabalhei para o Saudoso Mané Alves, primeiro ano, quem pisou no salão da casa do Saudoso Mané Alves foi eu, depois foi o Zé Messias, fui levando o Careta, Antônio Novo, que mora aqui no Pau pombo também.

Lenildo – Outra coisa que a gente vai perguntar aqui é, você disse que trabalhou no Reisado a primeira vez como cantadeira, começou como cantadeira, foi quantos anos de cantadeira?

Rosário – Eu trabalhei de cantadeira sete anos, porque você trabalha sete anos de cantadeira, sete anos de mandador, ou 14 ou 21.

Lenildo – Tem que ser sete. Se passar dos sete, aí vai para 14.

Rosário – Aí vai para 14, se passar para 14 vai para 21, aí meus 21 eu parei, eu não queria. Mas todos os anos eu dou aquela lapada naquele boi, para mim não, quando eu vejo meu sangue ferve nas minhas veias.

Lenildo – A cantadeira já tem uma cantiga certa?

Rosário – Tem. Tem a cantiga certa.

Lenildo – Qual a importância da cantadeira no Reisado, ela que abre?

Rosário – A importância da cantadeira para mim é ela que começa, a sanfona dá o tom, porque sem som você não faz nada. Quando ele olha para você, aí ele já puxa, na hora de puxar você já começa. Depois de você começar, o trabalho já inicia. É uma das profissões muito bonitas que eu acho, que é as cantadeiras do Reisado. Porque tem muita gente, eu lembro que uma vez a pessoa veio atrás de mim para cantar, eu disse não, não vou, eu passei de meio sete anos, mas se você quiser cantar, você pode cantar. Como o pai dela era mandador de boi, ele copiou, nas portas de noite ela estava lendo no papel, não, não serve. Serve você tirar da sua mente. E cantar que dê certo no final. Porque a cantadeira de Reisado, ela começa a cantar e termina dando certo todo o seu verso. Não pode dizer uma coisa de um jeito e terminar de outro, não. É direitinho, até o dono da casa abrir a porta e você dar o seu bom dia ou o seu boa noite, né, mandar o dono da casa baixar a bandeira, ele





recebe santo reis e nós volta para trás. Porque antigamente o certo na hora que nós baixamos a bandeira, o dono da casa baixa a bandeira, o pai do povo já bota o xicarador na porta para ninguém entrar. Hoje não. Quando as cantadeiras saem, é uma coisa errada que eu acho, viu, o povo já invade. Não sei se você já prestou atenção, mas o correto, na hora que o dono da casa receber santo reis e o primeiro que entra é o pai do povo, coloca o xicarador. Ali não entra ninguém, não. Aí na hora que ele salda o dono da casa, pede a licença, todo mundo fica recuado. Aí que ele dá aquela liberdade é que nós entramos. Hoje não é mais assim, mas era nesse sistema que eu alcancei.

Lenildo – Você já falou aqui que a cantadeira não é correto cantar olhando para o papel, para o celular, né? Não é correto cantar para o celular. Inclusive, esse ano no festival, muita gente reclamando, porque anos anteriores muitas cantadeiras mais jovens cantavam olhando para o celular.

Rosário – Eu vi!

Lenildo – Então, nesse ano, no festival, pelo menos a gente proibiu que não podia mais.

Rosário – Não pode olhar para o papel, não pode nem botar o celular na mão, porque a vez que você está com o celular, tira a visão. Você está cantando ali, você está, como se diz, concentrada. Você está concentrada.

Lenildo – A cantadeira que canta a ladainha de santos reis, é que acorda o dono da casa...

Rosário – É a que acorda o dono da casa. O meu pai, quando era careta, não tinha uma pessoa que chegasse na porta do cidadão dono da casa e tomasse o caminho. Todo mundo calado, para a gente acordar, que é bonito. Você está dormindo e acordar pelo som do sarcoma e a cantadeira, né? Onde você está lá dentro gravando. Aquela pessoa que está cantando, né? Que é a cantadeira e a que responde.

Lenildo – E ela é que leva o santo, né?

Rosário – Ela é que leva o santo, a cantadeira. Vamos supor, no meu caso, eu fazendo uma promessa para levar o santo, eu não sendo de cantadeira, eu tenho que levar o santo, né? Porque cada um tem o seu mistério, né? Agora, todo mundo sabendo que é com promessa. O certo, a promessa, quem leva é o dono da promessa. E atrás, as duas, a cantadeira, o sanfoneiro e os caretas. Agora, as outras pessoas, os amantes vêm atrás, né? Deixam o vazio para a cantadeira e os amantes vêm atrás acompanhando o dono da penitência.

Lenildo – Para você, a questão da música, da cantadeira, ela é só uma música ou é também uma oração?

Rosário – Na minha ideia, ela é uma oração. Porque nós andamos com os três reis magos. Sabemos que eles são santos, né? A coisa mais bonita que eu achei também foi aquele tirador da penitência, do reisado. Ele até é policial, né? Eu admiro ele. E ele e o Juan, que deu todos os santos para o tirador de promessa. Então, não é música, é uma oração. Você tem aquela oração até como devoção. Porque se você todo dia não... A gente está na casa





da gente, mas todo dia a gente canta aquela oração de santo reis. Um santo milagroso, acredito. Muita gente não crê, porque cada um tem a sua fé, né? Mas é uma oração. Para mim, eu não considero como música. Porque, vamos supor, uma música pode cantar bem que pode dançar. Ali, quem vai dançar é os caretas. Depois dos caretas, aí vem a comissão para fazer aquela organização mais bonita, né? Mas antigamente não tinha, mas hoje já tem. Para mim, as cantigas de São Gonçalo não é música, é uma oração, é uma penitência.

Lenildo – Existe uma diferença entre o cantar da chegada e o cantar da saída? Porque a cantadeira atua em dois momentos, né? Quando chega e quando sai. Ela que abre e fecha.

Rosário – Ela abre junto com o seu sanfoneiro, seus três caretas, e a sua respondadeira, ela abre na porta do cidadão. Quando termina, ela fecha, fazendo convite para a festa de reis no dia 6.

Lenildo – A senhora também foi mandadeira, né? Foi mandadora também, depois de reisado. Como é que aconteceu essa passagem de você era cantadeira e de repente passou a ser uma mandadeira? Porque geralmente se vê homens, né? Eu só vi você de mulher. Eu já vi você mandando no festival, em casas, e chama muita atenção porque é uma mulher. Geralmente são homens. Como é que foi essa passagem aí?

Rosário – Essa passagem, meu pai fez uma promessa. Nesse tempo, a gente não pagava mandador de boi, né? Era todos os caretas, tudo era de graça. O pagamento era o lenço, né? Aí ele me chamou: “minha filha, vamos mandar o boi”.

Aí eu digo: “estou no ponto”. Aí sempre a gente tem que ter um professor. O meu professor foi meu padrinho. Aí ele... Eu fui lá: “meu padrinho, papai vai pagar a penitência, estou querendo que o senhor me dê uma lição!”. “Pois não minha filha,” me deu a lição. Sempre eu fui muito boa de mente. E hoje também ainda. Pouca coisa que me engarga não, né? Aí tiramos. O papai foi, vamos. O que me chamou atenção, foi eu começar junto com ele, né? Nós sempre fizemos as seis noites. Ó, na boa hora, quando eu chegava, eu era nova, tinha potência. Mauro Luiz, ele tinha a faixa de uns oito a nove anos. Isso eu me lembro. Mauro Luiz não laigava nós. Eu andava numa bicicleta, eu usava um apito. Onde eu chegava que eu apitava: “Aí, ó, o reisado do Jé LoLo. Isso aí foi que me chamou atenção. Mas aí... É passando o tempo, né? Aí a gente vai deixando.

Lenildo – O mandador, ele tem uma... Já uma mandação certa? Ou ele improvisa na hora?

Rosário – O mandador, ele tem a mandação certa dele. Se eu cantar aqui, nessa casa, aquela ali já tampou ela na mente. Quando eu chegar naquela casa, eu não vou dizer o que eu falei aqui. O mandador. Quando eu chegar lá na casa, ali é de meu filho, do Roque. Quando eu chegar lá na casa de Sheila, fazendo a comparação, né? Eu não vou dizer o que eu falei no Roque. Quando eu chegar lá na casa do Adão, eu não vou dizer o que eu falei na Sheila. Por quê? A distância de uma casa para a outra você já vai estudando.

Lenildo – E fala de quê a mandação? Quando está mandando, fala de quê? Fala do cotidiano, fala das pessoas?





Rosário – Fala das pessoas. Sauda o dono da casa, primeiramente, com sua família, que recebeu Santo Reis, está lá dentro da sua casa, em cima de uma mesa, no rack. Aí você já vai levar o boi também para saudar o dono da casa, pegado na mão. Muitas vezes, hoje, o pessoal só diz boa noite e pede licença. Não. Por certo, você vai trabalhar para mim, você vai pegar na minha mão que eu vou lhe pagar. Saudar o dono da casa com sua família, com seus filhinhos, com sua esposa. Aí você começa a sua ladainha do seu trabalho.

Lenildo – O que não pode faltar em uma mandação? Tem que dizer. Coisas que tem que dizer na mandação.

Rosário – Vamos supor, se eu... Vou fazer uma comparação. O reisado chegou aqui na minha porta. Eu vou receber. Eu vou receber o reisado. O reisado está aqui. A dona Rosária está esperando. Ela é a mandadeira de boi. Eu tenho que tirar uma formuça por ela. Aí o mandador chega. Me sauda. A primeira coisa que ele vai dizer é perguntar pelo meu esposo. Ele está me vendo somar meus filhos. Ele vai me perguntar pelo meu esposo. Aí eu fico... Às vezes, eu me emociono e chego até a chorar. Não pode faltar você perguntar como é que está a sua família. Você sabe, mas eu não sei. Hoje em dia, nem pergunto pelo dono da casa. Como é que ele está, como é que ele está passando. Mas o certo é perguntar, saudar o dono da casa, perguntando como é que ele está. E ele responde. Eles dão risada com ele. Você acredita?

Lenildo – Tem outra parte também na mandação. O final, a despedida. O que é que diz na despedida ali quando a mandação está encerrando?

Rosário – Quando a mandação está encerrando, aí você já começa a chamar o boi para vir se despedir do dono da casa. Se tem a avózinha, começa a despedir da avó, dos netinhos, dos filhos. Fazer o convite do final, que esse é o principal, é o convite, que ele possa comparecer à morte do boi, para ser até padrinho, levar dinheiro para pagar a sorte do boi. Lá tem o café, lá tem a janta, tem uma rede. Só que a gente tem que dizer, se ele for de avião, tem o campo para baixar, que nós sabemos que nós não temos, mas a gente tem que animar ele. Se ele for de cavalo, tem o arquita para botar. Se ele for de carro, que é o mais principal, ele tem a garagem para colocar. Mas também que não peça que não falte, que leve muito dinheiro. Para pagar cachaça, para os caretas, e cerveja para o sapato. Mandadeira. Às vezes a mandadeira nem bebe, mas tem que dizer. Aí a gente pede a licença, que já vai saindo, deixou aquele convite, e vou aguardar ele na minha casa, e receber com sua família. E vou saindo devagarzinho, pedir licença, e vou saindo, me retirando, mas vou deixando o meu boi, e o sanfoneiro tem que tocar o baião, porque, se é um baião, ele não sai. Ele não sai. É importante o baião que ele sai. Aquele menino, Henrique Menino, Ricardo, eu admiro muito ele. Admiro aquele mandador de boi. Quando eu vejo ele mandar boi, eu me lembrei de mim, porque eu só mandava boi dançando. Eu acho bonito o mandador de boi que dança dançando. Na pancada da sanfoneira, ele vai.

Lenildo – Nas suas mandações, você gostava de falar mais de quê? Lá no meio da mandação, falava das pessoas que via, da roça, da chuva?

Rosário – Eu, na minha mandação, sempre falava da minha profissão, da minha família. Falava. Nesse tempo, eu trabalhava, muita gente chegava a dizer assim: “será que ela é moça?” Na minha mandação, eu dizia que não era moça. Eu tinha tantos filhos, eu era





casada, professora, mandava boi, cantava na porta. Muitas coisas eu sei fazer na minha vida. E o povo ficava às vezes pensando: “Mais rapaz, a Rosara tem essa coragem?” Tinha uma colega minha que dizia: “minha irmã tu tem coragem?” E eu digo: tenho.

Lenildo – Tinha outra professora ou professor no seu tempo que mandava boi?

Rosário – Tinha. Professora, não, mas eu tinha uma prima, ela chegou a mandar boi. Mas aí ela se retirou. Essa daí ia vai pisar de meu pé. Mas ela se retirou. E eu fiquei só de segurar a peteca. E, graças a Deus, onde eu chegava, eu chamava mais atenção.

Lenildo – Assim, por ser mulher, você chamava mais atenção do que o homem.

Rosário – Exatamente. O Gilberto dizia assim, quando me encontro com ele, ele dizia: “dona Rosara, eu sou seu fã”. Eu também sou seu fã. Porque ele é um aboiador também. Ali o vaqueiro conhece o outro. Seu João Benedito, o ano que eu saí, ele disse: “graças a Deus, a senhora agora não vai mandar boi”. Eu disse: “por que, seu João Benedito”? Ele disse: “porque a senhora vai ganhar o prêmio”. Porque o que eu ia dizer, lá na frente dos jurados, não era que eu estava trabalhando para trás, não. Eu tinha que estudar o que eu ia dizer. Hoje em dia, quando o pessoal vão, vamos te falar, num festival, Lenildo, faz parte pena. Se você não sabe, dê para quem sabe, não é verdade? É desse jeito. Meu trabalho, graças a Deus. Isso aí eu ligo.

Lenildo – O mandador, a mandadora, ele é o personagem do Reisado, que manda no boi. Por isso que ele manda no boi. O boi faz o que ele manda.

Rosário – Faz o que ele manda. Quando eu trabalhava de Reisado, minha preocupação era no meu boi. Eu não andava nera com ele. Ninguém encostava nele, só deitava no pano do boi, eu. Ninguém encostava, porque, às vezes, muito que se quer, vir fazer danificação no seu boi. Na hora que eles estavam cantando lá, eu estava aqui na frente dele. Porque vinha aquele brilho, aquele brilho todo é gasto, é dinheiro. Então, eu estava ali ao lado dele. Às vezes, chegava um menino: “ não, sai daqui! aqui, que manda eu. Agora, na hora de matar, você pode brincar com ele, mas aqui quem manda eu”. Quem manda no boi, é o vaqueiro.

Lenildo – E o boi, assim, ele é uma figura de quê? Ele representa, assim, o quê no Reisado?

Rosário – O boi. O boi foi um... o Reisado. Começava o Reisado mais em pessoal, aquelas brincadeiras. Sempre, você sabe que tem um boi que hoje em dia, nesse meu período, o boi até chegava a urrar. O sinal do boi de Reisado. Eu estou trabalhando com um boi aqui, na lodaça que eu digo, pra ele se urrar, hoje em dia o boi não urrar. E ele é uma figura, ele tem que urrar. Porque ele é a figura de um boi, de pano, né? Mas ele é um boi. E Reisado sem boi não existe.

Lenildo – O único Reisado que eu conheci, né? Que tinha, que era diferente de todos os outros, tem um outro grupo de Reisado de Boa Hora, tem... tinha a Burrinha. Só tinha a Burrinha do Seu Gé.

Rosário – Tem a Burrinha.





Lenildo – E aí, como é que era essa figura da Burrinha?

Rosário – A Burrinha, ela existe. O papai, quando faleceu, deu pra esse menino. Ele sabe mesmo. Mas aí, ele deixou, porque a Burrinha ela é um... um acompanhante do Reisado. Aonde tem a Burrinha, na hora que o boi tá ali, ela taca a cabeça em cima do chifre do boi. Mostrando que ela é quem pega o boi. Ninguém, quando, era pra ele se arrumar, pra ele se arrumar, o papai, ele ia, de trás, ninguém via. Aí lá, os caretas diziam: “meu Branco, nós andamos aí com um animal, mas aquele animal, esse animal não é valente, só pra nós, mas se você quiser, porque a gente só bota se o dono da casa aceitar também, porque ela não brinca de graça. Ela vai contratada. Ela vai contratada”. Aí, se o dono da casa dizer: “que animal é?” “Não, meu Branco só sabe se ver. Mas também, nós só traz se você dizer que é pra trazer”. Ele já tá sabendo, né? Aí, ele diz: “é pois traga esse animal, que eu não sei o que é.” “Mas assim, você traz aí uma coitezinha com milho para poder chamar ela”. Isso o pai do povo falando. Aí, às vezes, o cidadão trazia a cotezinha ou uma bacinha, e chamava: “toma, toma, toma”. Lá ela já vinha rinchando, rinchando, ele já vinha rinchando. E já vinha, quando ele entrava, faltando dois metros para chegar perto do patrão, ela já vinha cantando. Já vinha cantando, cantando a oração dele que ele vem trazendo, dançando, e os caretas de lado. E aí ele dança, canta todinha, aí quando termina, aí o pai do povo vem e diz, meu branco, como você se foi de samba de burra? Aí ele vai dizer, antes do boi. “Como você se foi de samba de burra?” Aí ele vai dizer: “rapaz, foi bom, que eu nunca tinha visto.” Aí ele agora nós vamos para o samba do boi. Aí a burrinha já vem atrás do boi, não deixar ninguém encostar perto do boi. Porque tem gente que fica dando, puxando o pano, e ali ela não deixa.

O cuidado dela é não judiar com o boi, só os caretas. É desse jeito. Agora, hoje em dia, não. Quando você bota o boi, o povo está derrubando o boi para ver. Eh, Lenildo, eu conheço, eu vejo.

Lenildo – Na sua época, só tinha você de mandadora? Você teve uma parenta sua também que foi mandadora. Mas, hoje em dia, a gente só vê as mulheres mesmo cantando. Você acha que deveria ter mais mulheres que fossem ser caretas, que fossem ser mandadoras?

Rosário – Eu vi no Mato Seco, eu não conheço a menina, mas achei bonito. Num vídeo, ela dançando, sapateando. E achei bonito a menina pisa no chão. Já fizemos um planejamento há certos tempos atrás, aí caiu para nós ser careta. Ah, moço, agora lá eu vi gente aperreada. Quem vai ser careta? Eu digo, eu vou. E tinha os palhaços. Aí foi eu, foi aquela professora de inglês. A Eris Dalva. E aquele professor, seu vizinho, Luiz. Luiz. Nós fomos três. Agora lá foi bagaceira. Você sabe como era a Eris Dalvi, divertida toda. Pois é, desse jeito. Mas era bom acontecer uma dupla. Vamos supor, vai ter a dupla de boi, fulano, os caretas e mulheres. Porque mulheres hoje, vocês sabem, as mulheres hoje estão... estão se representando hoje. Se os homens não tiverem cuidado, vai chegar a vez da mulher. É, já chegou.

Lenildo – A peregrinação é o momento que o grupo, depois de se organizar, tudo organizado, é que eles vão saindo de casa em casa, começa de tardezinha e vai até de manhã. Como é que era essa peregrinação na época? De sair de casa em casa, ir ou de quê? Como era receber nas casas, não tinha energia elétrica? Me fale um pouco dessa peregrinação.





Rosário – Nesse tempo, nós íamos a pés. A Maria Senhora, que hoje é cadeirante, era a catedeira do papai, e eu respondendo. Aí nós íamos, saíamos daqui, jantávamos, nós íamos de pé até a Boa Vista. Nós começamos nessa noite do Saldoso do Alcalde Bernal. Ia amanhecer o dia no Saldoso Maneló, parece uma coisa. Chegava de manhã todo mundo, tomava banho, ia merendar. Aí todo mundo ia para as suas casas. Você não tinha preocupação, só ia dar o jantar. Mas hoje em dia não. Mas também tinha aquela coisa, quando dava duas horas, a gente tinha que ter uma merendazinha para resistir. E já vem de muitos anos.

Lenildo – As pessoas recebiam muito reisado?

Rosário – Recebia muito rezado. Tudo era de graça. Era arroz, os caretas ganhavam arroz, rapadura, feijão, ovo. Os caretas faziam era beber logo os ovos tudo.

Lenildo – E agora é assim?

Rosário – É não. Agora eles não querem mais andar de a pé. Se não tiver o carro, eu não vou. Desse jeito.

Lenildo – O contrato é fechado logo?

Rosário – É fechado logo. Eu vou por tanto, tanto. Não falo nem de 500 nem de mil, é de mil para lá. Todo dia eu peço a Deus, meu Deus, me dê muitos anos de vida. É um santo milagroso, mas é muito dependioso. Se apegar com o santo rei, para pagar uma penitência.

Lenildo – Você já fez promessa?

Rosário – Já fizemos.

Lenildo – Assim, a promessa é o momento em que a pessoa está passando por uma dificuldade, e realmente, como você falou várias vezes, é um santo milagroso que já fez milagre na sua vida.

Rosário – Já fez milagre na nossa vida, na nossa família. E, graças a Deus, fomos validos. Mas tudo caminhando de até isso. A dona da penitência, quando andava de madrugada, passava a mandar fechar em casa para dormir, porque não podia passar sem ela. Mas eu ficava no lugar, como fosse ela.

Lenildo – Então, pagar uma promessa é assim, você está passando por uma... Me conte assim, como é que foi? Você sentiu aquela necessidade, fez a promessa, depois vai organizar. Como é esse caminho até terminar de pagar? É quantos anos?

Rosário – Se você fizer, você faz a promessa, é valido. Aí você vai se programar para pagar a promessa, com os caretas, tocador. Mandador, nós já tínhamos, que me garantia. Aquele dinheiro daquele mandador, eu não queria, eu ia ajudar a pagar. Botiquinzeiro, pé do boi, dançador. Aí, a gente ia programar o reisado, ia em casa, em casa, cantando, recebia uma





criação, aquilo era a animação. Nós chegávamos a ganhar cinco por noite, três leitão, cinco capão, duas cargas de arroz, que não tinha saco, nem quartos eram as cargas nesse tempo. Aí, aquela coisa, a gente... Graças a Deus, nós fomos as pessoas que pagamos nossas promessas, e fomos muito bem recebidas.

Lenildo – E aí, o pagador da Promessa, tem o dia do ajuste, não é?

Rosário – No dia do ajuste, o derradeiro ano, que nós íamos encerrar. Aí, o papai chamou os trabalhadores, eu estava ocupada ainda. Quando eu cheguei, deixei ele à vontade, ele ficou mais velho, mas só que ele não andava, a responsabilidade estava em mim, no Adão. Aí, quando eu cheguei lá, eu disse: “e aí, papai, como foi?” Ele disse: “minha filha, o mais caro é o mandador.” Eu digo, papai, nós não fazemos isso mesmo. Era o Raimundo Careta. Ele disse, minha filha, será que não? Eu disse, papai, nós temos que pagar, porque é uma coisa séria. Quando dá no dia seis de manhã, a gente tem que chamar os trabalhadores todos para fazer aquele pagamento, que eles estão devendo no botequim, que eles fazem a frente deles no botequim. Aí, o Raimundo chegou lá em casa, nós sempre começávamos no dia 31. Ele disse: “minha prima”... Ele disse, nós se trata de prima, “eu vou para você, por tanto... Eu digo para você, porque você que vai andar mais com o Adão, mas não tenha medo que quando der no dia seis, o dinheiro está no bolso. Desse jeito. Eu sou devoto de Santo Reis há tantos anos.” Aí, meu amigo, ele bateu naquela boa hora, contratando casa lá. E, graças a Deus, dentro da boa hora, eu tenho muita amizade. É uma das coisas que a gente se conquista. Dinheiro para a gente não vale nada, o negócio é amizade. Meu amigo ficou gente que me deu para nós chegar até lá. E aí, quando foi no outro dia, dia seis, o Adão estava com o dinheiro. Pagamos todo mundo.

Aí, aquelas coisas que sobram, é que era o nosso. Aí, nós partimos para o papai. Papai, meus filhos pois está aqui, está aqui o de nós. Hoje em dia, meu amigo, o dono do reisado, se não tiver boa mente... Né?

Lenildo – E a comunidade se envolve, vizinhos?

Rosário – Se envolve. A comunidade se envolve, que a gente vai na casa de cada um. Saber quem quer, quem não quer, quer ou pode trazer. Primeiramente, é a família. Nós sabemos que nós devemos contar com nossa família. Você que tem a sua penitência, já é com a sua família.

Lenildo – E no dia que encerra a promessa, é a morte do boi. O que é a morte do boi?

Rosário – A morte do boi, quando dá duas horas, a gente se arruma. Eu, como era mandadeira de boi me arrumava, ficava de bengala na mão, chapéu na cabeça. Aí, vamos jantar. Não, só depois. Começava a tirar sorte. Ela não deixava nenhum. Não deixava nenhum. No ano trasado, eu fui a morte de um boi. Você sabe aonde? No Capitão de Campos. Mandador Antônio Rosa. Ele doou muito o negócio, a bengala
E o povo tudo admirava. Tinha gente que me dava de vinte, que me dava de 30. “Pega, dona, você tomar um Guaraná. Você não bebe não de bebê?”, “não”. Aí, quando terminaram, tem os padrinhos. Aqueles padrinhos, tem deles que vão laçar o boi. Aqui, para nós, quem laça boi é quem recolhe aquele dinheiro daqueles laços. Mas, hoje em dia, eu acho que o dono é





quem fica com aquele dinheiro dos laços. Mas o dançador do boi era quem tinha o direito dos laços. Era. Aí, quando foi na hora do terço, é o último, é o terço. Aí a senhora disse: “eu não sei rezar”. Aí eu digo: “pois me dê aqui que eu rezo”. Aí, rezei o terço, quando terminou, digo: “avante, por Cristo, que é o nosso rei, impere na pátria Jesus a sua lei, impere na pátria Jesus a sua lei, viva santo rei, viva santo rei, viva, viva, viva santo rei, viva, viva, viva santo rei, na escola e na rua, eu sei ser cristão, porque trago o Cristo no meu coração, porque trago o Cristo no meu coração”. Aí, ó palma. Aí a senhora deixou, só a senhora veio do céu, pra sua casa, pra fazer essa comunicação. Eu digo, não, foi o que eu aprendi. E repasso pra quem sabe.

Lenildo – Como você começou muito tempo no Reizado, o que você acha que mais mudou do tempo que você começou pra hoje?

Rosário – Professor Lenildo, mudou muita coisa. Você vê. Porque no meu tempo, você não ganhava uma blusa. Hoje você ganha um fardamento completo. Mudou as cantigas. Antigamente, as cantigas aninavam a pessoa. Mudou coisa demais, demais, demais. Você, como professor e advogado, você vê que tem diferença.

Lenildo – Você acha que o festival, uma das mudanças que aconteceram... Claro, quando você começou, não tinha festival.

Rosário – Não tinha.

Lenildo – É um negócio mais recente. Você acha que o festival foi bom pro Reizado? Não foi?

Rosário – Não. Pra mim, foi bom para os tiradores de Reizado. Traz a multidão de todas as capitais. Traz renda pra cidade. E traz renda para o tirador de Reizado, que às vezes não faz o dinheiro. Com a complementação de... Santo Reis é tão milagroso que traz aquele dinheiro pra cada tirador de Reizado. Como esse ano, tinha aquele X. De momento, Santo Reis abençoa aquele filho de Deus que deu mais mil. Eu não fui, não, porque eu estava em casa aqui, mas eu acompanho pela televisão. Porque faz muitos anos que eu fui ao festival.

Lenildo – A senhora já ensinou alguém a cantar, a Reizado, a mandar?

Rosário – Aqui, dentro do palpombo, os que sabem, diz que sabem. Quem sabe cantar, já sabe cantar. Nós aprendemos já de lá, já aprendendo. Aqueles que aprenderam, não esquecem. Aí não carece nem a gente ensinar.

Lenildo – Já vão aprendendo vendo a pessoa...

Rosário – Já vão aprendendo vendo a prática.

Lenildo – Tem muito jovem aqui que ainda é envolvido com o Reizado?

Rosário – Tem muito jovem. Tem jovem dançador, tem jovem que carrega o boi, tem jovem que manda. E é essa vida, né?





Lenildo – O que o Reisado representa na vida, na sua vida?

Rosário – Pra mim, o Reisado representa o sinal que Deus deixou. Quando eu chego lá na boa hora, que eu vejo os três reis naquele altar, pra mim já é o Reizado. Você acredita? Pra mim, já estou vendo o Reizado. É um símbolo dado por Deus. E quando Deus deixou o mundo, que nós não sabemos por onde começou, ninguém sabe o começo do mundo, nem o final. Mas já, quando eu me entendi, já vi falando em Reizado, minha mãe me levando no braço e eu dizendo, um dia eu chego lá. E cheguei. Cheguei com coragem e força.

Lenildo – Você acha que o Reisado da Boa Hora representa muito para o povo da Boa Hora?

Rosário – Muito para o povo da Boa Hora. Só não boto o chapéu, porque eu deixei de usar o chapéu. Mas quando eu vejo, eu fico toda arrepiada. Digo: Hááá se eu estivesse lá! Acho muito bonito.

Lenildo – Você acha que o povo da Boa Hora gosta muito de reisado?

Rosário – Gosta.

Lenildo – Tem muita fé em Santo Rei?

Rosário – Muita fé. Hoje nós devemos ter muita fé porque nós não sabemos o dia da manhã. Então nós temos que ter a nossa fé e aumentar mais a nossa fé. Que no próximo ano, 27, aí você vai ver multidão. Porque nós vamos ter o nosso local, chamando o povo a atenção, para ver. Porque o povo, quando chega, eles querem ver, saber. Vem gente de longe, meu irmão.

Lenildo – Para você, o Reisado é um patrimônio do povo da Boa Hora?

Rosário – Para mim, é um patrimônio e é uma oração. É uma fé de trazer aquele povo vir e voltar tudo em paz. E repassando para os que não vieram. Não é brincadeira. É dançando por brincadeira, mas só que não é brincadeira. É uma fé de oração. Você vê que nada acontece no festival. Tudo é as orações. E Santo Rei está ali presente olhando para cada um.

Lenildo – Você acha que o Reisado, por ser tão importante para a cidade, deveria ser ensinado nas escolas?

Rosário – Deveria. Deveria, porque tem muito jovem nas escolas. Eu acho bonito. Muito jovem nas escolas, que às vezes tem vontade. Tem aquele menino da Secretária Carminha, que eu admiro ele, o Matheus. Já li um exemplo daquele menino. Tem aquele menino, Isaac. Aquele menino começou pequeno. E, aliás, é várias crianças. É bom dar um incentivo para o jovem, que ali ele vai se ligando. Rapaz, eu vou aprender para me ganhar. Porque dali é que ele vai ganhar. Ele está estudando, já está ganhando. E, com o Reisado, ele vai ganhar mais.

Lenildo – Para a gente encerrar, gostaria que você cantasse, fizesse um pouquinho de mandação.

Rosário – Quem vai responder?





Lenildo – O Justino Neto.

Rosário – Pois é. Vou caçar aqui o meu ritmo. Mas que... Primeiramente, eu quero pedir a Deus que Deus nos dê muitos anos de vida para nós todos, para a minha família, para este jovem que vem lá da Boa Hora, professor Lenildo, advogado. Quem sabe um dia estou precisando da sua força. E agradecer ao público que esteve nos ouvindo. Agradecer Santo Reis, pois nós estamos fazendo essa gravação pedindo graça a ele, pedindo muitos anos de vida a ele, pedindo oração, que no próximo ano estaremos reunidos lá na boa hora, no festival, com boas intenções, com um bom caminho para nós. E eu vou encerrar. O menino vai responder. Você vai responder, Cícero? Caçar aqui. Você me pegou quase de surpresa. Você me pegou de surpresa. Não deu tempo de eu estudar.

Lenildo – Mas se você quiser também cantar uma ladainha, ladainha de Da Porta, pode ser também.

Rosário – Pode ser também?

Lenildo – Pode sim.

Rosário – Ô de casa, ô de fora, lá de dentro, nobre gente, ô lá de dentro, nobre gente, aqui está na vossa posta e os três reis do oriente, ô os três reis do oriente, os três reis do oriente, são três irmãos e irmã, são três irmãos e irmã, reis Brechó e reis Gaspá, o outro reis é batazão, o outro reis é batazão, quem quiser que a sombra cubra e se acosta pa'l rama ou se acosta pa'l rama ou. Cidadão dono da casa e tem sombra que cobre tudo, tem sombra que cobre tudo, o cantar da meia noite é um cantar excelente, é um canta excelente, acordar quem tá dormindo e consolar quem tá doente consolar quem tá doente vou embora vou embora com meu chapéu na cabeça, com meu chapéu na cabeça. Senhor e dono da casa vive com Deus e amanhece ou vive com Deus amanhece

Rosário - muito obrigado meu amigo

Lenildo – obrigado a você Ana Rosário, foi bom demais, muita informação boa

Rosário - graças a Deus. De nada, quando precisar estou as ordens

